

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-YOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.647

Quarta-feira, 9 de Abril de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-6

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

DOIS MINUTOS DE SILENCIO

sobre a maior das iniquidades capitalistas!

Rompe-se o silêncio patriótico, contando como um alferes se eclipsou num momento de perigo, e como mais tarde foi elevado a capitão e condecorado com a Cruz de Guerra

A participação deste país na guerra europeia, de que ele estava por várias razões, incluindo as geográficas, arredado, foi um dos actos mais criminosos, mais ou menos despicados da ditadura e da demagogia aofusistas. Dificilmente esqueceremos a brutal decisão de meia dúzia de tiranetes, lançando para o monstruoso cemitério da Flandres e para as plagas africanas, dezenas de milhares de homens que eram, na sua maioria trabalhadores e do seu salário amparavam o viver difícil de suas famílias. A entrada deste país na guerra foi um crime e um negócio. Crime, porque se consumiram muitas vidas e muito sangue, inutilmente, por um capricho político, por um caso de odiosa vaidade pessoal, por meia dúzia que, a dos pretendentes de figura, sem o sacrifício dum pinga de sangue, a dos magnates estrangeiros envolvidos nos lucros da maior chacina de povos que a história registra.

Negócio, porque enquanto na Flandres e em África, a terra se ensopava de sangue e se abria em milhares de sepulturas, os felizes partidários da guerra, os que prenderam a guerra para os outros, auasavam com surpreendentes facilidades, espantosas fortunas. Os que partiam para a guerra iam condenados a sofrer todas as inclemências, as maiores misérias—a fome. O país esteve sob a garrá de abutres que não respeitavam nem a vida débil das crianças nem a vida cachetica dos velhos.

No posto telegráfico da 1.ª linha num abrigo cavado no parapeito da trincheira junto à temível cratera “bico de pato” do sector de “Neu-Chapelle”, denominado “S. O. S. da esquerda”, aborrecido, cansado, esmagado pela mais intensa saudade e farto daquele horrível espetáculo da guerra, onde tudo era desolação e morte, encontrava-se de serviço desde o dia em que o meu batalhão, esse infeliz “batalhão de pau e manta” entrou a ocupar o sector rendendo o 35 que marchara para Point-du-Henrion donde nos servia de apoio e com o qual permutevamos de seis em seis dias!

O dia que tinha decorrido relativamente calmo, começava a esconder-se para além do horizonte, o crepúsculo, primeiro encucrider da noite, envolvia já na sua fraca luz pardacenta todo aquele imenso inferno onde os homens, numa ansia cruel do extremo, se matavam ferocemente... já mal se distinguiam as árvores esqueléticas que, como espetos se erguiam pelo sector; os soldados, rastejando cautelosamente pela trincheira, iam ocupar os seus postos de vigilância no parapeito, onde à luz dos “every-lights”, as suas silhuetas, por vezes, metiam horror, já mal se encergavam também os intermináveis bandos de corvos que, formando uma perfeita faixa negra no espaço, todos os dias, à tardinha, passavam sempre na mesma direção, por sobre as trincheiras. Ouvia-se, porém, o seu grunhar selvagem que nos enchia de pavor e nos obrigava a um silêncio religioso, horrorizado por aquele cátaculo de morte!

Chegara a noite. A escuridão era profunda, o céu, de nenhuma estrela, parecia um imenso nabo negro a cobrir aquela ensanguentada planicie da Flandres já tão regada pelo generoso sangue de Portugal... A neve, atulhando por completo as trincheiras, fazendo sentir inexoravelmente os seus frigidíssimos efeitos, havia-me gelado e enorpecido os membros. Sósíno, no meu abrigo, sempre atento ao buzinhar dolente do aparelho que chagardava a cabeça me opriu os ouvidos, espraiava, de quando em quando a vista por aquela vastidão imensa de fôla a linha de batalia e ficava-me quôdo a contemplar, nas trevas, tóda a tragedia daquela horrível hincatombel...

Semelhante a uma trovada, longínqua e ininterrupta, ouve-se, ao longe, aterradora, a voz da artilharia... Os “every-lights” subindo em tódas as direções espargem os seus raios scintilantes que iluminando o espaço, rompem as densas trevas que envolvem todo aquele imenso campo infernal, desenhando na alvura da neve que cobre sombras sinistras que metem horror... As arvores, despidas de folhagem, parecem braços descarnados a erguerem-se da terra! Aliás, na trincheira alema o “bosque mistério” coberto de neve faz lembrar a aldeia de Portugal, com as suas casinhas caídas, perdida numa campainha... Sobre a “passarela” da trincheira, vindos da 2.ª linha, caminharam soldados sólidos que vêm reforçar o pelotão da esquerda na difícil e perigosa vigilância do sector; passam em frente do meu abrigo, silenciosamente, cabeças pendidas como condenados a patibulo! Que lúgubre cortelj... E eu, que não tinha raiva a ninguém, eu, que não combatia por ódio mas sim por um dever, senti um horror profundo a espacar-me a alma ao ver desaparecer num revere da trincheira, cobertos de neve e andar vacilante, esse punhado de moços.

Uma rajada de metralhadora inimiga passa célebre, no seu sibiludo agudo, por cima do meu abrigo fazendo-me desesperar a grande prostração em que me encontrava; esfrego os olhos, como se tivesse acordado dum terrível pesadelo, e telefono para o C. H. d. dando o boletim da situação: “situação calma, vento nordeste”. Mal tinha terminado de telefonar ouvi que, próximo do abrigo, alguém soluçava baixinho, soltando de quando em quando suspiros abafados que demonstravam bem um sofrimento arco... Será possível?... pensei, admirado por ouvir chorar nas trincheiras e, deixando a cabeça fora do abrigo fiz com a mão uma corneta acusativa e logo me convenci que, de facto, alguém chorava ali bem próximo de mim. Cauteleosamente, evitando, o rangido da neve debaixo dos pés, encaminhei-me para o sítio donde vinha o choro e abrigando-me num recanto da trincheira pude, sem ser visto, assistir, indistintamente, por alguns momentos, aquela cena tam comevedora: A luz, viva, dum “every-light”, lançado da linha inimiga, distingui, sentado na banqueta da trincheira um soldado envolto numa

Da guerra ficaram uns heróis mais ou menos autênticos, mais ou menos farcantes, muitas mulheres enlutadas, muitas crianças na orfandade, muitas mães na miséria; os novos ricos, anafados felizes e insolentes; os mutilados, com a sua vida aniquilada, votados à miséria exasperante e ao mais negro dos abandonos.

Somos contra as guerras, que são massacres fratricidas de povos, contra as pátrias por constituir fronteiras germinativas do ódio mortal e impeditivas da livre expansão da vida universal, contra os exércitos que são a pressão em tempo de peço e ameaça de guerra sempre suspensa sobre os povos.

Não nos associamos à comemoração de hoje. De forma a classificarmos e não temos, nem queremos ter com os farcantes que acretam e executam.

O proletariado, não o respeitando, afirmará o seu protesto contra um crime, o seu desejo de não morrer pelas especulações dos banqueiros e pela ambição dos políticos.

Que o proletariado desrespeite os dois minutos de silêncio afirmando assim o seu respeito pela vida humana!

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Oh! era, era, sim, era... eu, meu alferes!... chorava, mas não com medo dos alemães... chorava ao lembrar-me da minha querida família... ai, minha mãe... querida... mae! — e, mordendo a manga do edolman para conter o desespero que lhe ia na alma, recendendo chorar alto, caiu novamente no parapeito, onde à luz dos “every-lights”, as suas silhuetas, por vezes, metiam horror, já mal se encergavam também a chagardava a hora consolivamente... — Oh! mas isso é uma temeridade, pois não vez como tóda a linha, esta sendo batida pelos morteiros?!

Sem querer ouvir mais nada sai, com um relâmpago, do abrigo e lá vai Pela trincheira la um verdadeira azáfama; soldados corriam dum lado para o outro a ocupar os seus postos no parapeito. O bombardeamento intensificava-se. Os artilheiros continuam a insistir, comigo, para pedir socorro.

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

— O’ telegrafista? e se eu fosse a procurar o meu alferes?... quem sabe, talvez esteja para af ferido na trincheira e quando me encontro a alguns palmos, apenas, de distância, propositadamente, tossi... Quem, diabo, está para aqui a chorar?... preguntou-me, fazendo-me forte, ao vêr que o desgraçado se levantara precipitadamente, procurando disfarçar a dor que o minava.

— Sim, eu, [Procurei], o nosso alferes por tóda a linha e não o encontrei; pregunto por ele, ninguém o viu! Oh! Men Deus, o que vai por essa trincheira foral... tudo arrasado... abrigos destruídos... feridos... mortos... um horror, telegrafista, um horror! Para a direita já se vêem os “every-lights” remangados da 2.ª linha e, ao centro, já a retirar, também, quando eu lá passei! Oh! Maldita guerra, que pareces comigo, para pedir socorro!

Coliseu dos Recreios
HOJE - 2 sensacionais espetáculos - HOJE
ULTIMA semana **ULTIMA**
DA
Grande Companhia de Circo
A's 15 horas (3 da tarde) A's 21 horas (9 da noite)
- GRANDIOSA MATINÉE - DESLUMBRANTE SOIRÉE
O maior sucesso de gargalhada
No espetáculo da noite representar-se-há a engrenadíssima pantomima.

A Feira de Sevilha
com bailados, cantos flamengos, ciganos, cavalos e lindas mulheres trajando rigorosamente à andaluza
Grande tourada à espanhola
com picadores, monos sábios, bandarilheiros, espadas, etc., tendo IUDÍO UM BRAVISSIMO E PURO GARRAFO Alegria - Vida - Entusiasmo - Amação - O maior acontecimento da temporada
Dia 19 - Estreia da Grande Companhia Italiana de Opera e Opereta MARION ODETE

CRONICA PARA LAMENTAR**NO CIRCO DE SÃO BENTO**

Coisas que fariam rir os mortos no dia de hoje
- O sr. Tavares de Carvalho almoçou patriótico - A freguesia de Valongo passa a ser do Milhões - Combate de dois gaços por causa dum inconveniente

Os espetáculos da companhia continuam dando notas dum cômico irresistível. E aí se observou o «reporter» um episódio digno da siúzede do «vasto hemisfério». A chamada foi um dos numeros mais engraçados, devido à falta de número. Baltazar Teixeira chama pelos que estão e pelos que não estão, pelos que se foram e até talvez pelos defuntos — para juntar um número frágido.

O presidente apoia a testa nos punhos — e espera, Francisco Cruz, porém, que não esteve para mais e falou para não retribuir:

— Isto é que é, hein?! Então há número ou não há número? Meus senhores, vamos para casa...

O Jorge Nunes faz causa comum:

— Onde está é esse rigor, essa disciplina?

O barulho vai aumentando. A voz de Jorge Nunes parece o som dum trombeta. O vozeirão rouco de Francisco Cruz é semelhante a um trombone desfiado.

— Eu vou-me embora!... Eu vou-me embora!... grita ele, em fúrias de neurotismo.

— Haja número, sr. presidente! — grita o Jorge.

— Haja antes vergonha! — exclama um engraçado.

Do pico do penhasco, o presidente olha a tempestade. Os trovões ribombam, precipitados das gargantas dos insubordinados pais da pátria, e os olhos de todos eles se desprendem fazendo capazes de fulminar quem os tomar a sério.

Agora a noite mais cômica, O Chico Cruz, depois de muito berrar, sente-se cansado ante a imobilidade do penhasco presidente, exaspera-se ao rubro e — ai! pernas, para que vos quer! — deixa a correr pelo vasto hemisfério, galga passos nos Passos Perdidos e, como se o enguisse um alçapão, desaparece nos elevadores — para sempre, diz a chorar.

Finalmente, o presidente decide-se:

— Estão — presentes — trinta e oito — senhores — deputados.

Gargalhadas acolhem o canto-chão

— Tirados a ferros! Tirados a ferros!

O Vasco Borges tem uma tirada magnífica:

— Portugueses da miúhalma, cidadãos da minha pátria, gente ondada! O Milhões, irmão de milhares duma unidade... nasceu em Valongo. Por isso, prestemos homenagem ao Milhões. Propõe que seis milhões de audazos lusitanos chameem Valongo de Milhais à terra do herói, porque Milhais é o apelido do Milhões.

O Maia de aviação, que é, em princípio, oficial do exército:

— Se Milhais é Milhões, que seja de Milhões a Valongo...

O Vasco Borges:

— Não deve ser o Milhões a terra de Valongo; isto em nome da integridade do território português, que Milhões defendeu com bravura. Mas que Valongo seja de Milhões está certo.

Todos concordam e assim fica com-

Vista ia só em meia carga e não em carga completa, como igualmente afirmava o mesmo jornal da manhã, e apenas levava uma baileira e um bote, embarcações insuficientes para qualquer sinistro.

E continuam:

— O vapor Constância, da citada Companhia, há mais de quatro anos que não vai à doca para limpeza. Está também em condições péssimas e qualquer dia sucede-lhe o mesmo para governo do Correia da Silva.

Em volta de nós iam crescendo os interessados. Todos estavam possuídos da mesma indignação contra a maneira como são tratadas estas questões. E surge um com um jornal:

— Ouça, ouça o que aqui se diz. Ele: «Há pouco tempo foi vistoriada por oficiais da capitania do porto de Lisboa, os quais a acharam em magnificas condições de navegar».

Acrecentando indignado:

— Isto é mentira. Só é verdadeiro o artigo publicado em A Batalha de 6 de Março. A Bela Vista não estava em condições de navegar, e mais uma vez se prova a incompetência dos oficiais da marinha de guerra em assuntos da marinha mercante.

Outro, no mesmo tom:

— Em todas as nações os assuntos da marinha mercante dependem do ministério do comércio; só em Portugal estão na dependência do ministério da marinha.

O que ouviramos já era o suficiente para elucidar os leitores. A barca Bela Vista, em nossa opinião, foi mandada para o mar porque assim convinha ao egocismo de Correia da Silva.

As vidas não importam a esse cavaleiro. As viúvas e os órfãos que se governarem, que morram de fome, no entanto que aumente a sua fortuna à custa

POR ESSE MUNDO FORA**INGLATERRA**

A lei do inquilinato reprovada pelos defensores dos senhores

LONDRES, 8. — A votação sobre a lei do inquilinato inglesa, na Câmara dos Comuns foi desfavorável para o governo. Contudo o sr. Macdonald não vê nisso motivo para renunciar ao seu cargo.

ALEMANHA

Está eminente uma greve ferroviária

BERLIM, 8. — Está eminente uma greve dos ferroviários alemães que pedem aumento de salário e o restabelecimento do dia normal de oito horas. A União dos Trabalhadores Telegráficos promete auxílio financeiro dos ferroviários. Hoje realizam-se negociações decisivas entre os delegados ferroviários e o governo.

O custo da ocupação militar britânica

LONDRES, 8. — O ministro da Guerra declarou que os gastos com a ocupação britânica, no sector de Colônia durante o ano passado, importaram em 1.600.000 libras.

MARROCOS

Uma escaramuça entre rebeldes e a artilharia espanhola

MELILA, 8. — Os inauditos rebeldes ocultaram-se numas covas e barrancos próximo de Cefé. Mobilizaram-se baterias de artilharia de montanha que fizeram fogo certeiro sobre esses baracos limitando-se os mouros a fazer incêndios logo de fustilamento.

A BATALHA NO PORTO**Pessoal da Carris**

PORTO, 8. — Reuniu hontem à noite o pessoal da Companhia Carris para ouvir as «démarches» efectuadas pela comissão sua delegada, sendo depois de aclaradora discussão aprovada a seguinte moção:

1.º Que à comissão delegada sejam agregados dois membros dos diferentes ramos de serviço;

2.º Que seja votada nesta classe a «greve» em princípio;

3.º Que seja desde já organizado o «comité secreto»;

4.º Que destas resoluções se dê conhecimento às autoridades competentes.

A sessão terminou cerca de 1.45 horas da madrugada sendo levantados vários a «egrive» à C. G. T., ao jornal A Batalha, etc.

Nesta reunião também foi aprovada uma moção protestando contra a condenação à morte de Juan Archer e contra a cédula pessoal.

A comissão deu versões acerca desse crime, sendo uma a que o assassino em tempos foi agente de investigação e denunciava à polícia tudo quando se passava na Associação de Classe dos Manipuladores de Pão. A outra é que, fui o Costa proprietário da padaria que fizesse a moagem faltando assim a um compromisso de honra existente entre os proprietários das padarias independentes.

Pelo Instituto de Medicina Legal

Neste estabelecimento deram ontem entrada os dois feridos encontrados ao abandono e Mário Simões Cortés, de 27 anos, casado, condutor dos eléctricos e residente na rua de Arroios, 187, 29, que faleceu a caminho do hospital de São José, quando para ali seguia a fim de ser internado.

Correm duas versões acerca desse crime, sendo uma a que o assassino em tempos foi agente de investigação e denunciava à polícia tudo quando se passava na Associação de Classe dos Manipuladores de Pão. A outra é que, fui o Costa proprietário da padaria que fizesse a moagem faltando assim a um compromisso de honra existente entre os proprietários das padarias independentes.

Federal de Construção Civil

São convocados os delegados que fazem parte da comissão administrativa do jornal O Construtor, a reunião hoje sem falta, pelas 20 horas, que é para se tratar da saída do mesmo briga.

Federado de Calçado, Couros e Peles

Reúnem hoje, pelas 21 horas, em conjunto, a comissão administrativa e a comissão nomeada para a propaganda a fim de ser posta em prática a resolução tomada pelo Conselho Federal.

Compositores Tipográficos

Reúnem amanhã, pelas 18 horas, os delegados dos quadros dos jornais a fim de lhes serem presentes as contas do último movimento.

Litógrafos e Anexos

Reúnem hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa, juntamente com a comissão pró-bandeira.

Operários alfaiates

Por motivo de «démarches» a realizar referentes às reclamações da classe, ficou adiada para amanhã, às 21 horas, a reunião da comissão de melhoramentos, a que deve comparecer o delegado dos correiametres, visto ter de assentá-los em trabalhos que interessam estes camaradas.

S. U. do Construção Civil

Reúnem hoje, pelas 20 horas, a assembleia de delegados, sendo indispensável a comparecência de todos os componentes devido à importância dos assuntos a tratar.

Canteiros e polidores de mármore

Convidada a reunião hoje, pelas 21 horas, com a Comissão Administrativa, a deputado da C. G. T., a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Federado de Mobiliário

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão de instalação e reunião da comissão administrativa, devidamente nomeados para a propaganda a fim de ser posta em prática a resolução tomada pelo Conselho Federal.

Corpos gerentes

Para apreciar um assunto de instabilidade resolução, reúnem hoje, às 21 horas, os componentes das missões administrativas, devidamente nomeados para a comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Delegados à Conferência inter-Sindicatos

Reúnem hoje, às 20 horas, para ultimar os trabalhos referentes à conferência e a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas.

Comissão de Melhoramentos

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão de instalação e reunião da comissão administrativa, devidamente nomeados para a comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

S. U. Mobilário

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas do ano transacto.

Operários de S. M. da Vila

Reúnem amanhã, às 21 horas, todos os componentes da comissão revisora de contas, a fim de liquidar as contas

VIANA DO CASTELO - encanto para os olhos

Impressões de vinte quatro horas de demora — Pela avenida marginal até à foz do Lima — Cidade tranquila — O movimento operário — O que a vista alcança do alto de Santa Luzia

convenção assente todas as mulheres do Minho trajar desta maneira estonteante.

Mas quê? Onde estão elas, as lindas minhotas? Acaso aquelas vestimentas insípidas, vulgares em Lisboa, nas raparigas do povo — uma saia qualquer e qualquer blusa — se parecerão com os lindos vestidos que os álbuns mostram, guardo-roupas reclamam, os poetas admiram e os prosadores descrevem? Estaremos realmente no Minho?

Estas perguntas acudiam-nos à mente e não encontrávamos para elas cabal resposta.

Um pouco atrás de Viana, numa estação, um rancho de deliciosas raparigas, brincalhonas, dirigia graças para as carregas. Mas nemhumas delas tinha ouvidos encantados senão os naturais dos seus olhos castanhos ternos, das suas bocas breves, dos seus cabelos claros e de seus corpos flexíveis. O trajo — banal.

Chegámos a duvidar de nós próprios — para não duvidar dos ilustres escritores, poetas e jornalistas que tantas maravilhas nos contaram. Nós não viamoss

Há uma cidade italiana, que d'Annunzio pintou num dos seus livros, que me impressionou pela suavidade da sua luz e pela brandura elegante dos seus conterrâneos. E' Veneza. Quando, inesperadamente, ao entrar o comboio numa larga ponte que atravessa o rio Lima, Viana do Castelo, envolta numa luminosidade poenteira e dôce, surgiu à lâmpa, mirando-se nas águas calmas e scintilantes de

Mal o comboio se detinha numa estação, logo nos debruçávamos à vidamente presintendo, analisando, o caminhar das mulheres, os seus sorrisos, os seus olhos, o vicejar da vegetação que nos encantava pujantíssima, e o deslumbramento da Natureza que nos garantiram um esmagador.

Mais valera, porém, que nada me tivessem dito sobre as atrações minhotas, que de longe me habituara a sentir uma maneira tan diversa da realidade.

O lisboeta está habituado a olhar com admiração os trajes garridos, à moda do Minho, que pelo Carnaval, as raparigas envergam. Os vermelhos intensos, os amarelos fortes das saias listradas, as blusas brancas de manga justa até ao pulso saindo dum corpete negro, avançado, o lenço multicolor cantando hilos de cós em torno de rostos brancos mimos, o chalinho sobre os ombros, rendendo as pontas na cinta elegante, é, mais ou menos, o que o alfaínha compreende por trajar à moda do Minho.

E quando, como nós, o acaso o arranca para aquela província, o coração lateja no peito, emocionado, na esperança de ir ver, como norma, como

guardas cívicos da capital... .

bem nós não estávamos no Minho, es-

távamos noutra província desconhecida. Sentimo-nos descobridores de novas terras...

Afinal, mais tarde, tudo se explicou, mercê da solicita informação dum amigo da verdade: esses vestidos cheios de colorido, que alegram a capital, nos dias de Entrudo, não se usam habitualmente no Minho, apenas aparecem nos grandes dias de festa. Esses vestidos são para as lindas raparigas minhotas, que é a luva branca para os elegantes guarda-cívicos da capital... .

Servindo de fundo negro a mancha lu-

sol do rio que a beija, no nosso pensamento uma palavra ecoou: Veneza!

Veneza, porquê? Que parentesco haverá entre Viana e a célebre cidade? Talvez a mesma luz muito clara e muito leve abrace ambas voluntosamente; talvez a mesma neblina impalpável, efémera, transparente que se evola das águas que as banham de frescura a ambar, envolva numa túnica de pudor, que acacia os contornos da casaria e aprofunda os escuros sulcos das ruas plenas de prédios claros.

Servindo de fundo negro a mancha lu-

que está ali e aponta um número — um assinante que é muito delicado, que lhe doce um deute ou a barriga, enfim destas miudezas de meninas galantes, nem pode virar a cabeça para o lado, a ver o gancho da coleira que está a cair, pois as ordens são muito severas:

“Não se podem virar para trás nem para os lados, nem falar com as colegas”. Prejudica o serviço.

Pergunto agora aquele cavalheiro se não prejudica o serviço, o material fam que estão trabalhando, se não prejudica o serviço o mau estado das linhas e cabos, se não prejudica o serviço o sistema estabelecido de obrigar as empregadas a assentas as chamadas que fazem os assinantes, perdendo um tempo precios?

E o que prejudica o pessoal? Não leva isso em conta o sr. Wincks?

Porventura não prejudica o serviço e a saúde do seu pessoal, o congestionamento das mesas, que contém actualmente 140 assinantes! Calculem os leitores 140 assinantes para serem atendidos com 15 pares de calhais!!!

E’ assim! E’ ou não exigir mais do que o humano esforço que o pessoal pode dispensar? Naturalmente que sim.

Por esse motivo é que o seu pessoal é quase esquelético, em marcha para a tuberculose. E por hoje basta.

Pórtio, 7 de Abril de 1924.

Mário AFONSO

Trabalhadores: Iéde e propaganda Su-

lemente de A Batalha

que assim ofereceu o seu sangue a He-

sus pela liberdade da Gália:

Era jóven, era formosa, era santa.

Chamava-se Héna, Héna, a virgem da ilha de Sén!

Só eu não repeti com os soldados o último estribilho do bardito, porque estava comovido.

Douarnek, notando a minha comoção e o meu silêncio, disse-me surpreendido:

— Que é isso, Scanvoch, a tua voz não se reúne à nossa? Ficas mudo no fim de uma canção tam gloriosa?

Dizes a verdade, Douarnek; é porque essa canção é para mim gloriosa...; por isso mesmo é que eu estou comovido.

Gloriosa para ti? não te comprehendo.

Héna era filha de um dos meus avós!

— Que dizes tu?

Héna era filha de Joel, o brenn da tribo de Karnak, morto, bem como sua mulher e quasi toda a sua família, na grande batalha do Vannes, na terra e no mar, há mais de três séculos; eu, de pais para filhos, descendendo de Joel.

— Oh! os próprios reis se ufanariam de serem teus avós! replicou Douarnek.

O sangue derramado pela pátria e pela liberdade, é a nobreza dos gauleses, disse-lhe eu; é esta a razão porque os nossos velhos barditos são tam populares entre nós.

Parece incrível, replicou o mais novo dos soldados, que há mais de trezentos anos que Héna, essa terna, e formosa santa ofereceu a sua vida pela liberdade da pátria, e que o seu nome ainda seja repetido!

Posto que a voz da jovem virgem tivesse levado

mais de dois séculos para chegar aos ouvidos de He-

sus, replicou Douarnek, essa voz chegou afinal aos seus ouvidos, visto que podemos dizer hoje: Vitória às nossas armas! Vitória e liberdade!

— E o sangue de Héna correu!

— Toma o meu sangue, oh Jesus! e livra a Gália dos estrangeiros! Toma o meu sangue, ó Jesus! Piedade para a Gália! Vitória às nossas armas!

— Oh! virgem santa! O teu sangue inocente não correrá debalde! Curvada sob o jugo, a Gália um dia se levantará livre e alta, bradando como tu: Vitória às nossas armas! Vitória e liberdade!

E Douarnek, assim como os três soldados, repetiu em voz mais baixa este último estribilho com uma espécie de piedosa admiração:

— Aquela que assim ofereceu o seu sangue a He-

sus pela liberdade da Gália:

Era jóven, era formosa, era santa.

Chamava-se Héna, Héna, a virgem da ilha de Sén!

Só eu não repeti com os soldados o último estribilho do bardito, porque estava comovido.

Douarnek, notando a minha comoção e o meu silêncio, disse-me surpreendido:

— Que é isso, Scanvoch, a tua voz não se reúne à nossa? Ficas mudo no fim de uma canção tam gloriosa?

Dizes a verdade, Douarnek; é porque essa canção é para mim gloriosa...; por isso mesmo é que eu estou comovido.

Gloriosa para ti? não te comprehendo.

Héna era filha de um dos meus avós!

— Que dizes tu?

Héna era filha de Joel, o brenn da tribo de Karnak, morto, bem como sua mulher e quasi toda a sua família, na grande batalha do Vannes, na terra e no mar, há mais de três séculos; eu, de pais para filhos, descendendo de Joel.

— Oh! os próprios reis se ufanariam de serem teus avós! replicou Douarnek.

O sangue derramado pela pátria e pela liberdade,

é a nobreza dos gauleses, disse-lhe eu; é esta a razão porque os nossos velhos barditos são tam populares entre nós.

Parece incrível, replicou o mais novo dos soldados,

que há mais de trezentos anos que Héna, essa

terna, e formosa santa ofereceu a sua vida pela libe-

rdade da pátria, e que o seu nome ainda seja repetido!

Posto que a voz da jovem virgem tivesse levado

mais de dois séculos para chegar aos ouvidos de He-

sus, replicou Douarnek, essa voz chegou afinal aos

seus ouvidos, visto que podemos dizer hoje: Vitória

às nossas armas! Vitória e liberdade!

Tinhamos chegado ao meio do Rheno, no sítio

onde as suas águas são muito rápidas.

— Aquela que assim ofereceu o seu sangue a He-

sus pela liberdade da Gália:

Era jóven, era formosa, era santa.

Chamava-se Héna, Héna, a virgem da ilha de Sén!

Só eu não repeti com os soldados o último estribilho do bardito, porque estava comovido.

Douarnek, notando a minha comoção e o meu silêncio, disse-me surpreendido:

— Que é isso, Scanvoch, a tua voz não se reúne à

nossa? Ficas mudo no fim de uma canção tam glori-

osa?

Dizes a verdade, Douarnek; é porque essa can-

ção é para mim gloriosa...; por isso mesmo é que eu

estou comovido.

Gloriosa para ti? não te comprehendo.

Héna era filha de um dos meus avós!

— Que dizes tu?

Héna era filha de Joel, o brenn da tribo de Karnak, morto, bem como sua mulher e quasi toda a sua família, na grande batalha do Vannes, na terra e no mar, há mais de três séculos; eu, de pais para filhos, descendendo de Joel.

— Oh! os próprios reis se ufanariam de serem teus avós! replicou Douarnek.

O sangue derramado pela pátria e pela liberdade,

é a nobreza dos gauleses, disse-lhe eu; é esta a razão porque os nossos velhos barditos são tam populares entre nós.

Parece incrível, replicou o mais novo dos soldados,

que há mais de trezentos anos que Héna, essa

terna, e formosa santa ofereceu a sua vida pela libe-

rdade da pátria, e que o seu nome ainda seja repetido!

Posto que a voz da jovem virgem tivesse levado

mais de dois séculos para chegar aos ouvidos de He-

sus, replicou Douarnek, essa voz chegou afinal aos

seus ouvidos, visto que podemos dizer hoje: Vitória

às nossas armas! Vitória e liberdade!

Tinhamos chegado ao meio do Rheno, no sítio

onde as suas águas são muito rápidas.

— Aquela que assim ofereceu o seu sangue a He-

sus pela liberdade da Gália:

Era jóven, era formosa, era santa.

Chamava-se Héna, Héna, a virgem da ilha de Sén!

Só eu não repeti com os soldados o último estribilho do bardito, porque estava comovido.

Douarnek, notando a minha comoção e o meu silêncio, disse-me surpreendido:

— Que é isso, Scanvoch, a tua voz não se reúne à

nossa? Ficas mudo no fim de uma canção tam glori-

osa?

Dizes a verdade, Douarnek; é porque essa can-

ção é para mim gloriosa...; por isso mesmo é que eu

estou comovido.

Gloriosa para ti? não te comprehendo.

Héna era filha de um dos meus avós!

— Que dizes tu?

SECÇÃO DE LIVRARIA

“A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre o refletindo no que se lê.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colônias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente—Encomendas postais até 6 quilos \$500, pacotes até 2 quilos \$450 cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos \$500. América do Norte—Pacotes até 5 quilos, \$650.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

Um revolucionário que não estuda é como um barco sem piloto.

Eduquemo-nos e instruam-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

Publicações sociológicas

	Pelo correio
Organização Social Soviética	5000 5000
Antonovici—A Rússia bolchevista	5000 5000
8 Comuna	5000 5000
A maçonaria e o proletariado	5000 5000
Porque não creio em Deus?	5000 5000
O Proletariado Histórico	5000 5000
Agência Lux	5000 5000
O Sindicato e os trabalhadores	5000 5000
Briand—A greve geral	5000 5000
Bardot—O mundo está mudando em que somos anarquistas	5000 5000
Carlos Rates—A ditadura do Proletariado	5000 5000
Chapeler—Porque não creio em Deus?	5000 5000
Chueca—Como não ser anarquista?	5000 5000
Si Aldeia—O amor livre	5000 5000
Gento—Outra ocorrência	5000 5000
Dufour—O idealismo e a prisão revolucionária (VII)	5000 5000
Emílio Bossi—Cristo nunca existiu?	5000 5000
Eliseu Reclus—A evolução geral e a anarquia	5000 5000
Elevar—Amará a terra	5000 5000
Georges Sorel—O resultado dos delegados da U. W. W. congresso da U. S. W. de Moscou	5000 5000
Gladiador—A questão social no Brasil	5000 5000
G. O. N. M.—Proclamação constitucional	5000 5000
Castro Le Bon	5000 5000
As principais classes militares da guerra	5000 5000
Ensino e psicologia da guerra europeia	5000 5000
Guyau—Ensino da moral e obrigatoriedade nas escolas	5000 5000
Educação e hereditariedades	5000 5000
Hamón	5000 5000
A conferência da Paz e a sua obra	5000 5000
As armadas da guerra mundial e o movimento operário	5000 5000
Gran-destrâns	5000 5000
Psicologia do socialista-anarquista	5000 5000
A Crise do Socialismo	5000 5000

Pelo correio

	Pelo correio
Henrique Leono—O Sindicato	5000 5000
Heliodoro Salgado—O culto da imaculada	5000 5000
Mentiras e glosas	5000 5000
Jean Gravis	5000 5000
Associação Faturi	5000 5000
Anarquistas e maiores	5000 5000
João Bonança—O sacerdote e o clero	5000 5000
Joseph J. Ettor—Unionismo industrial	5000 5000
José Guadalupe—A lei das situações	5000 5000
Justus Ebert—O Dr. W. W. na teoria e na prática	5000 5000
Krapotkin	5000 5000
Landauer	5000 5000
A Sociedade Democrática da Alemanha	5000 5000
Manuel Ribeiro—Na linha 12	5000 5000
Marx—O Capital (e)	5000 5000
Nost—A Peste Religiosa	5000 5000
Nietzsch	5000 5000
Novo Cristo	5000 5000
Quem é o que?	5000 5000
Renan Vasco—Ao Trabalhador Rural (Geográficas)	5000 5000
Concepção Anarquista do Simbolismo	5000 5000
Campos Lima—O Estado e a evolução do Direito	5000 5000
Buckner	5000 5000
O nome em segundo a ciência	5000 5000
Êça de Queiroz (e)	5000 5000
O Padrão	5000 5000
O Alcool e Gente Moça (Teatro)	5000 5000
A Morte e Ordinário marcha	5000 5000
Estrela do Teatro	5000 5000
Binet-Sanglier—A Loucura do jeito (em português)	5000 5000
Charles Darwin—Origens das espécies	5000 5000
Campos Lima—O Estado e a evolução do Direito	5000 5000
Buckner	5000 5000
O nome em segundo a ciência	5000 5000
Noviço	5000 5000
A emancipação da mulher	5000 5000
Patout e Pouget—Come farem o ressuscitado	5000 5000
Perfekte de Carvalho—Notas e contos	5000 5000
Prat—Necessidade da Associação	5000 5000
Rodrigues—A Rússia Nova	5000 5000
Rossel—A sagacidade das milícias	5000 5000
Sebastião Faura—Doze provas da inexistência de Deus	5000 5000
Tomás da Fonseca—Sermões da Montanha	5000 5000
Nossa Conta-prateira	5000 5000

Pelo correio

	Pelo correio
Trotsky—Constituição Política da República dos Soviéticos	5000 5000
Um de Nós—A Canibalidade	5000 5000
Mentiras e glosas	5000 5000
Alexandre Herculano	5000 5000
O Monge de Cister (2 volumes)	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 volumes)	5000 5000
Justos e Júmios	5000 5000
Adolfo Lins	5000 5000
Contrato de Trabalho	5000 5000
Educação e ensino	5000 5000
O Estudo da História	5000 5000
Contos de Lautrec	5000 5000
Faquet	5000 5000
Iniciação filosófica	5000 5000
Princípios filosóficos	5000 5000
Faixas de Vasconcelos	5000 5000
O Ensino Ethico-Social	5000 5000
Problemas espirituais	5000 5000
Por terras de além mar	5000 5000
Flammarion	5000 5000
Iniciação à hidráulica	5000 5000
Contos de Lautrec	5000 5000
Felix Le Dantec	5000 5000
As influências	5000 5000
Costas ancestrais	5000 5000
Filho do Almeida	5000 5000
Lições da vida	5000 5000
Academia de Arte e Ciência	5000 5000
Contos	5000 5000
A Esquina	5000 5000
Aveia Migradora	5000 5000
Barbar, píncar	5000 5000
Brasil, o Vôl-	5000 5000
País das Juras	5000 5000
Sabina Quantos	5000 5000
Vida Iônica	5000 5000
Geck	5000 5000
Os Gababados	5000 5000
Guerra Junquense	5000 5000
O Padre Eterno (A Velhos	5000 5000
Brocado	5000 5000
Jainho Cortesão—Adão e Eva (em português)	5000 5000
Itália azul	5000 5000
Jorge Teixeira—Gatunos da Luta Branca—A Escumalha (em português)	5000 5000
Julian Quimby	5000 5000
Visinhos do Mar (2.ª edição)	5000 5000
Terras de Fogo	5000 5000
Lei das Indicações matemáticas	5000 5000
Malvart—Aventuras de Rulgar	5000 5000
Olivera Martins (e)	5000 5000
Helénismo e a Civilização Cristã	5000 5000
Historia da Civilização Ibérica	5000 5000
Historia da Civilização Romana	5000 5000
As (1.º volume)	5000 5000
Historia de Portugal (2 volumes)	5000 5000
Racais Humanas (2 volumes)	5000 5000
Uma (2.º volume)	5000 5000
Cartas a Filófilos	5000 5000
Cartas a Filófilas	5000 5000
Cartas à Inglaterra	5000 5000
Minas do Salão (2)	5000 5000
Nossa Conta-prateira	5000 5000

Pelo correio

	Pelo correio
Pargamer	5000 5000
Origem da Vida	5000 5000
Ernesto Haacke	5000 5000
Historia da Criação	5000 5000
Origem do Homem	5000 5000
Origens do universo	5000 5000
Monismos	5000 5000
Faquet	5000 5000
Iniciação filosófica	5000 5000
Princípios filosóficos	5000 5000
Faixas de Vasconcelos	5000 5000
O Ensino Ethico-Social	5000 5000
Problemas espirituais	5000 5000
Por terras de além mar	5000 5000
Flammarion	5000 5000
Iniciação à hidráulica	5000 5000
Contos de Lautrec	5000 5000
Felix Le Dantec	5000 5000
As influências	5000 5000
Zola	5000 5000
Teresa Ribeiro	5000 5000
Alegria de Viver (1 vol.)	5000 5000
A conquista de Plasann (2 vol.)	5000 5000
Afortunada dos Rougon (2 vol.)	5000 5000
Uma página do amor	5000 5000

Pelo correio

	Pelo correio
HISTÓRIA DO ESTABELECIMENTO DA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL	5000 5000
por Alexandre Herculano	5000 5000
3 volumes 24\$00, pelo correio 25\$70	5000 5000
MANUAIS DE OFÍCIOS	5000 5000
Fabricante de tecidos	5000 5000
Fogueteiro	5000 5000
Formador e estucador	5000 5000
Fundidor	5000 5000
Galvanoplastia	5000 5000
Pilotagem	5000 5000
Gravura química, elétrica e fotográfica	5000 5000
Cimento armado	5000 5000
CONSTRUÇÃO CIVIL</	